

# Nota dos organizadores

Éramos poucos no início. Bem poucos. Mal dava pra formar uma dupla. Quanto mais um bando ou uma matilha. Um agenciamento, então, coisa mais séria, nem falar. Não dava nem para um caderninho: de um dossiê, então, estávamos ainda bem longe. Mas aos poucos eles foram chegando. No campo virtual em que então existia, o Dossiê era apenas uma idéia, não propriamente uma Idéia do tipo deleuziana, apenas uma idéia, daquelas do tipo mais ordinário. Atualizada a idéia, viramos uma multidão.

Das mais heterogêneas, como terão oportunidade de ver. Tem gente de vários países e continentes. A convocatória, inicialmente restrita ao círculo dos deleuzianos educacionais locais, rapidamente se espalhou e proliferou. Aqui e ali, de uma fonte ou outra, ouvíamos falar de alguém, em algum lugar, que, a partir do campo da teorização educacional, estava às voltas, de uma maneira ou de outra, com Deleuze. Todo mundo meio que tateando, tentando encontrar seu caminho um pouco às escuras, mas buscando conexões, articulações, sobreposições, cortes, de qualquer forma. Com outras gentes na mesma situação, com os mais variados conceitos deleuzianos, com um ou outro livro de Deleuze, em especial. Com os mais diversos domínios e temas do campo educacional. Experimentadores é o que todos são. Verão também que a cartografia nacional, ainda que pequena, atinge latitudes e longitudes inesperadas. Ela se alargará, temos certeza, e esperamos que o Dossiê tenha alguma função e provoque algum efeito nesse processo.

Heterogênea é também a origem disciplinar desse nosso bando. Tem gente da Matemática, das Artes, da Pedagogia, da Teoria Literária, entre outros campos e, vejam só, até mesmo da Filosofia. É ampla também a variedade de interesses dessa gente toda no interior do próprio domínio educacional. Tem gente interessada em política educacional, em currículo, em pedagogia de sala de aula, em política cotidiana, em experimentação pedagógica, em infância, em diversidade cultural, em pensar e, até mesmo, vejam só, outra vez, na deleuziana “pedagogia do conceito”.

A multiplicidade também explode, selvagem, na extensa gama de conceitos deleuzianos abordados, tratados, discutidos, usados, mexidos e, desculpem se nos repetimos, até mesmo adulterados, deturpados, desfigurados, deformados, no melhor estilo deleuziano, de fazer-lhes, aos autores, “filhos pelas costas”. Um bando em geral bastante respeitoso, distinto, gentil, gente fina, mas também desrespeitoso, rebelde, violento como o pensamento, quando a ocasião assim o exige. Essa gente fez gato e sapato com a legião de conceitos deleuzianos. Devir (devir-criança, devir-animal, devir-minoritário). Virtual/actual. Espaço óptico/espaço háptico. Árvore/rizoma. Aparelho de estado/máquina de guerra. Imagens do pensamento. Esquizoanálise. Territorialização. Desterritorialização. Reterritorialização. Literatura menor. Multiplicidade. Diferença (claro!). Liso/estriado. Noologia. Geofilosofia. Plano de imanência. Linhas de fuga. Pedagogia do conceito. Encontro. Composição. Agenciamento. Nós, de nossa parte, nos eximi-

mos de qualquer responsabilidade por essas intervenções. Cada um que responda pelos prazeres e pelos riscos de suas experimentações.

E tem também os estilos. Experimentar também com o estilo. É isso que também acontece aqui. Não ter medo sequer do estilo mais tradicional, do gênero da dissertação filosófica, da elaboração conceitual, da “explicação de texto”. Praticados, aliás, por Deleuze, em tantos de seus livros. Mas não ter medo tampouco de ousar e experimentar também com o texto do gênero mais expressivo, que mais do que convencer, sugere, que mais do que demonstrar, insinua, que mais do que explicar, mostra, que mais do que bancar o sério, brinca, que mais do que carregar peso, dança. Teve gente do bando que tentou até usar conceitos deleuzianos para analisar situações educacionais, uma operação freqüentemente condenada pelos novos tribunais da política, da razão ou até da estética. Nós estamos nos lixando pra isso. Só nos interessam os efeitos desse suposto e condenado *uso*: nos faz pensar ou não? Se nos fizer pensar diferentemente do que até então pensávamos, está bem para nós, ou melhor, será extraordinário. Não vamos negar, entretanto, que temos um certo namoro com aquela gente que se inclinou para o estilo mais lúdico, mais experimental, mais literário talvez, do tipo daquele utilizado com freqüência por Deleuze e Guattari em *Mil platôs*. Mas, de novo, nesse campo, nós simplesmente suspendemos todo juízo de valor porque compreendemos que estamos todos experimentando, estamos todos mexendo com a escrita pra ver no que vai dar. Pelo que podemos ler aqui, já dá pra ver que vai dar em coisa intensa. Já está dando, aliás.

O Dossiê não é nenhum CD de algum astro ou de alguma estrela do *showbiz*, embora algumas vezes até se ponha a cantar ou provoque a vontade de cantar, mas também tem sua faixa-bônus a oferecer. Aliás, não apenas uma. São logo três. Pra começar, tem a primeira tradução brasileira do presumido último texto de Deleuze, “Imanência: uma vida...”. E, ainda por cima, trata-se de um bônus em duplicata, porque é aqui publicado também na língua original. Não vamos fazer qualquer comentário sobre o texto, porque não estamos aqui para roubar a emoção de ninguém. É ver (ou ler) para crer. Só vamos dizer, não resistimos à tentação, mesmo correndo o risco de nos contradizer, de que se existe realmente essa coisa que Deleuze chama de “percepto”, esse texto é o melhor exemplo disso.

O bônus do meio é a entrevista com esse intelectual brilhante (e generoso) que é José Gil. Em geral, desconfiamos das elaborações que intelectuais de fora do campo educacional, intelectuais que admiramos e cujos conceitos e teorias utilizamos, fazem sobre pedagogia, educação, currículo. Muito freqüentemente, o seu “pensamento” educacional parece empalidecer frente ao brilho de seu pensamento mais geral. Vocês verão que, neste caso, não é nada disso. O que José Gil diz, nessa entrevista, a propósito de Gilles Deleuze como professor na vida real, do professor Gilles Deleuze como personagem conceitual, da pedagogia de ambos, é forte, é potente, é intenso, é brilhante. Temos aqui o mestre José Gil falando da forma mais comovente do grande mestre que foi Gilles Deleuze. É de chorar. De alegria, claro.

E tem o bônus final. Um texto que um dos membros do bando aqui reunido nos enviou na última hora. Giuseppe Bianco, um jovem italiano que está fazendo

doutorado em Filosofia em Paris e que gasta a maior parte de seu tempo lá pesquisando textos raros de Deleuze e escutando velhas fitas com o registro de sua voz, nos fez chegar o brevíssimo texto de Deleuze que encerra este Dossiê, timidamente, dizendo-nos, “olha, talvez se encaixe no dossiê de vocês”. Idéia feliz do Giuseppe! Esse texto de Deleuze, na sua singeleza de depoimento sobre uma experiência pedagógica, tem tudo a ver com aquilo que o resto do bando fez aqui e anda fazendo por aí. Tem tudo a ver com experimentação, com diferença, com multiplicidade. Não, não precisam nos agradecer por todos esses bônus. O prazer é todo nosso.

Não pretendemos com este Dossiê inaugurar nenhuma escola, nem fundar qualquer partido, nem criar uma nova tendência pedagógica, nem tampouco fundar uma nova pedagogia ou uma pedagogia novíssima. Somos demasiadamente escolados para isso. Por isso, rejeitamos terminantemente qualquer aplicação do adjetivo “deleuziano” para o Dossiê. É, admitimos, um dossiê sobre Gilles Deleuze, um dossiê com Gilles Deleuze, um dossiê para Gilles Deleuze. Mas sem nenhuma pretensão de fidelidade, de filiação, de autenticidade, de legitimidade. Tudo o que queremos é experimentar com Deleuze, é jogar com Deleuze, é fazer movimentos com o pensamento de Deleuze. O movimento dos conceitos, o conceito de movimento. Experimentação é o nome desse jogo. Aqui, contrariamente ao estilo discursivo dominante no campo da teoria educacional, tentamos fugir das convocações do tipo “devemos”, “precisamos”, “é urgente”, “é isso ou aquilo que precisamos fazer”. Tampouco se verá aqui aqueles famosos últimos parágrafos conclamando à reforma geral da consciência do professor, do papel da professora, da sociedade, da cultura, da escola. Não é que sejamos a favor do *status quo*. Muito pelo contrário. Mas temos a impressão de que a prática do bando aqui reunido toma mais o caminho das linhas de fuga, das dimensões moleculares e dos devires, do que das grandes palavras de ordem, das dimensões molares ou dos sonhos de onipotência de quem sabe em que direção a educação, a pedagogia, o currículo devem andar e em que sentido o mundo deve mudar. Aqui, desconfiamos, não há lugar para nenhum tribunal da razão, para nenhum julgamento de Deus.

Queremos, modestamente, que nosso Dossiê seja apenas um jogo de armar, um quebra-cabeça, um *puzzle*, um enigma, uma charada, um “nó” carroliano. Que seja decifrado, como um signo deleuziano. E que o leitor possa, a partir dele, se fazer, então, um egiptólogo. E assim nos retiramos como organizadores, para, já agora desorganizadamente, continuar a fazer parte do jogo da experimentação. Juntamo-nos, pois, de novo, ao bando dos que, tendo terminado um jogo, começam outro ou o mesmo outra vez. A eterna repetição. O formigar das livres diferenças. Façam também seu jogo. Lancem, pois, seus dados, e vejam no que vai dar. Quanto a nós, cumprida a tarefa de juntar esse bando, simplesmente nos dispersamos, desfazemos este agenciamento, para fazer parte, talvez, de outros bandos e começar novas experimentações. Pois é por debandada, dizem Gilles e Félix, em *Mil platôs*, “que as coisas progridem e os signos proliferam”.

*Sandra Mara Corazza  
Tomaz Tadeu*